

Série
Filosofia 217

Sujeito e liberdade
na filosofia
moderna alemã





Sujeito e Liberdade

Investigações a Partir do Idealismo Alemão



Konrad Utz
Agemir Bavaresco
Paulo Roberto Konzen



Konrad Utz,
Agemir Bavaresco e
Paulo Roberto Konzen
(Organizadores)

SUJEITO E LIBERDADE: INVESTIGAÇÕES A PARTIR DO IDEALISMO ALEMÃO

Série Filosofia - 217



Porto Alegre
2012



Panorama Histórico da Recepção de Hegel no Brasil

*Agemir Bavaresco (PUCRS)
e Paulo Roberto Konzen (UFRGS)*



Sujeito e liberdade
na filosofia
moderna alemã

Introdução

A história especial de um povo histórico mundial contém, em parte, o desenvolvimento de seu princípio desde sua situação embrionária até seu florescimento, em que, chegado à livre autoconsciência ética, ingressa então na história universal¹.

No § 347 A da *Filosofia do Direito*, Hegel expõe a afirmação acima. Ora, em que estágio de desenvolvimento histórico estaria o Brasil? Difícil responder! Mas, então, em que estágio estaria a recepção de Hegel no Brasil? Igualmente difícil. Por isso, a pergunta que nos motiva, no presente artigo, não é saber propriamente como está a recepção de Hegel no Brasil, mas expor um panorama histórico de como foi a recepção do pensamento hegeliano no Brasil, sendo que o critério principal é identificar a partir de quando Hegel começou a ser traduzido por brasileiros. Trata-se de aspecto histórico essencial, pois, com isso, os brasileiros puderam ter acesso direto aos textos de Hegel, lendo o que ele escreveu e não, propriamente, o que se disse que Hegel teria dito. Afinal, nas interpretações existentes acerca da filosofia hegeliana, há uma disputa entre o que Hegel, a princípio, disse e aquilo que dizem que ele disse e/ou do que poderia ou deveria ter dito.

Assim sendo, procuramos pesquisar quando a obra de Hegel começou a ser traduzida e quem traduziu suas obras no Brasil, pois tais traduções influenciaram a posterior recepção da filosofia hegeliana. Convém, desde já, registrar e exaltar Lima Vaz e Paulo Meneses, hoje reconhecidos tradutores brasileiros de Hegel. Mas, antes deles, segundo nossas pesquisas, convém destacar Lívio Xavier e Djacir Menezes, a princípio, os primeiros tradutores de Hegel no Brasil, como veremos.

1. A Filosofia de G. W. F. Hegel no Brasil

Para desfazer a balela de que o filósofo é um sujeito abstrato, que, ensimesmado e distraído, sai à rua de pijama, pre-

¹* Nas citações, ao pé da página, os dados bibliográficos se resumem ao nome do autor, da sua obra e ao número da(s) página(s) citada(s), sendo que os dados completos constam nas Referências Bibliográficas.

¹EGEL, G. W. F. *Filosofia do Direito*, § 347 A, p. 308: 7/505 „Die spezielle Geschichte eines welthistorischen Volks enthält teils die Entwicklung seines Prinzips von seinem kindlichen eingehüllten Zustande aus bis zu seiner Blüte, wo es, zum freien sittlichen Selbstbewußtsein gekommen, nun in die allgemeine Geschichte eingreift“.

ocupado com tudo que não interessa à prática, bastaria lembrar que os grandes e genuínos representantes da filosofia sofreram restrições da ordem que os cercava ou tiveram que disfarçar suas ideias, contrabandeando-as sob formas difíceis para a posteridade, como Kant e Hegel².

A afirmação de Djacir Menezes, um dos primeiros tradutores de Hegel no Brasil, reflete, com nitidez, uma imagem intrigante que, muitas vezes, se interpõe ao estudante e ao professor de filosofia, quando somos indagados sobre o âmbito e o sentido de tal disciplina no mundo atual. Somos, por acaso, enquanto pretensos ou meros candidatos a filósofo, sujeitos abstratos, ensimesmados e distraídos, enfim, somente preocupados com o que não interessa à prática? Ora, algumas pessoas, que se autodenominam filósofas, talvez até se enquadrem, pela sua atividade, na definição acima citada. Porém, com isso, não se pode concluir que a filosofia seja, em si, uma ciência humana apenas abstrata, alheia ao que ocorre e interessa na ordem empírica. Por exemplo, para Djacir Menezes, os textos filosóficos de Kant e de Hegel, como grandes e genuínos representantes da filosofia, procuraram expor sua análise crítica também sobre aspectos de sua realidade, o que, inclusive, teve tamanha influência, a ponto de sofrer restrições por parte da ordem vigente ou interessada. Assim, a atividade filosófica não pode ser considerada apenas como a prática de mergulhar na pesquisa bibliográfica, emergindo dela sem fôlego para pensar, a ponto de só repetir, com outros termos, o que já foi dito ou de reunir o maior número de referências, apenas citando, de forma indigesta, o que foi lido, sem apresentar uma análise crítica e sistemática dos aspectos em questão³.

Aliás, ao procurar compreender a filosofia de Hegel, precisamos analisar a atualidade do texto hegeliano e tentar transpor sua filosofia para as reivindicações do nosso respectivo tempo. Sobre isso, cabe citar Lima Vaz:

É necessário observar que a justificação da leitura dos textos hegelianos não deve ser entendida como uma tentativa de reiteração literal do discurso dialético de Hegel ou como convite a nos tornarmos hegelianos. A tentativa seria vã e o convite seria pedante e sem sentido. A história, ensina Hegel, não se repete, mas apenas se interioriza na *Erinnerung*, na re-

² MENEZES, D. *Temas de Política e Filosofia*. p. 157.

³ Cf. MENEZES, D. *Temas de Política e Filosofia*. p. 128.

memoração do saber. A significação atual dos textos de Hegel deve ser buscada no exercício de um tipo de leitura que permita a compreensão das regras hermenêuticas por ele formuladas, transpondo-as para a leitura da nossa própria época⁴.

Distingue-se, portanto, um texto de interpretação, que busca compreender a filosofia hegeliana, reconhecendo suas qualidades e limitações, daquele que tenta reiterar literalmente o pensamento de Hegel ou daquele que procura nos converter em hegelianos de carteirinha. Quanto a isso, B. Croce enuncia as seguintes palavras:

Hegeliano, no sentido de sequaz servil e que acerta o passo pelo mestre tendo por norma aceitar-lhe todas as palavras, ou de sectário religioso que considera um pecado o dissentir, nenhuma pessoa sensata há de querer sê-lo, e muito menos eu. Hegel, em suma, descobriu também por seu turno um momento de verdade, e é esse momento que é preciso reconhecer e fazer valer⁵.

Tais palavras convidam-nos a compreender e reconhecer o que a filosofia hegeliana ainda tem de verdade ou, como dito acima, o seu momento de verdade. Mas, para tal, continua B. Croce, é necessário lembrar um elemento básico, que deveria estar subentendido:

A primeira condição, para nos resolvermos a receber ou refutar as doutrinas que Hegel propõe, é (sou por demais obrigado a recordar coisas que parecia deverem subentender-se) ler os seus livros: acabando com o espetáculo, entre cômico e triste, de acusar e injuriar um filósofo, que não se conhece; de batalhar estultamente contra um fantasma ridículo, forjado pela própria imaginação sob o jugo, nada nobre, do preconceito tradicional e da preguiça mental⁶.

Segundo B. Croce, é necessário recordar a necessidade de se ler os livros de Hegel, pois muitas das acusações e injúrias contra ele só se explicam em função da não leitura de sua obra. Ou seja, se a obra hegeliana fosse mais lida e estudada, não haveria tamanho espaço para tantos “fantasmas”, em parte criados ou reproduzidos justamente pelos que não leram Hegel. Ora, no Brasil, muito se falou e fala de Hegel sem a leitura de sua obra.

⁴ VAZ, H. C. de L. “Por que ler Hegel hoje?”. In: *Finitude e Transcendência*. p. 239-40.

⁵ CROCE, B. *O que é vivo e o que é morto na filosofia de Hegel*. p. 188.

⁶ Idem. p. 188.

1.1. A relevância da filosofia de Hegel

Em primeiro lugar, são muitas as sentenças sobre a filosofia de Hegel que afirmam a sua eminente influência no contexto atual do pensamento filosófico e histórico. Por exemplo, Peter Singer declara que “nenhum filósofo dos séculos XIX ou XX causou um impacto tão grande quanto Hegel. A única possível exceção a essa afirmação radical seria Karl Marx – e o próprio Marx⁷ foi fortemente influenciado por Hegel”⁸. Ora, se verdade ou não, em todo caso, afirma-se que é necessário reconhecer que Hegel influenciou o desenvolvimento cultural e sócio-político da humanidade, pois muitas de suas concepções foram e são referidas ininterruptamente, tendo em vista sua proeminência.

Inclusive, segundo Lima Vaz, “Hegel pode ser considerado um clássico inaugural, na medida em que algumas das ideias fundamentais do seu pensamento passaram a presidir o desenvolvimento da filosofia”⁹. Ora, não convém tentar enumerar aqui todos os possíveis elementos da filosofia hegeliana que o facultam a ser um “clássico inaugural”, pois, para Djacir Menezes, a “riqueza espiritual da obra hegeliana” é “imensa”¹⁰.

Mas, entre os textos de apresentação da filosofia hegeliana, cabe destacar, sobretudo, o de Paulo Meneses, notável tradutor brasileiro da *Fenomenologia do Espírito*, da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* e, recentemente, junto com uma equipe de tradutores, também da *Filosofia do Direito*, o qual busca contextualizar Hegel na história da filosofia.

Hegel é um dos pensadores mais importantes da história da humanidade: todo o pensamento anterior converge para ele, e todos os sucessores, em grau maior ou menor, derivam dele ou elaboraram suas filosofias em diálogo com o hegelianismo, ainda que fosse para refutá-lo¹¹.

⁷ Sobre a influência de Hegel sobre Marx e o seu devido reconhecimento, destaca-se as falas de CALVEZ, J.-Y. *O pensamento de Karl Marx*. p. 168: “A cada um o que lhe pertence. Por isso, é pela crítica de Marx a Hegel que se deve começar. Não é que Marx ignore os méritos do pensamento de Hegel, em quem se fartou de forragear e de quem depende muito mais do que ele se atreveu a confessar”; e a de ALTHUSSER, L. “Sobre a relação de Marx com Hegel”. In: *Hegel e o Pensamento Moderno*. p. 123: “Tudo o que temos publicado sobre Hegel deixa realmente de lado a herança positiva de que Marx é, conforme ele mesmo confessa, devedor a Hegel. Marx transformou a dialética hegeliana, mas deve-lhe esse dom capital: a ideia de dialética. Disso não falamos”.

⁸ SINGER, P. *Hegel*. Prefácio. p. 7.

⁹ VAZ, H. C. de L. “Por que ler Hegel hoje?”. In: *Finitude e Transcendência*. p. 222.

¹⁰ MENEZES, D. *Temas de Política e Filosofia*. p. 173.

¹¹ MENESES, P. G. de. *Hegel & A Fenomenologia do Espírito*. p. 7.

Na mesma linha, D. Rosenfield, quando do esboço de sua apresentação de um número da revista *Filosofia Política*, dedicado especialmente a Hegel, apresenta assim tal filósofo.

Hegel é certamente um dos maiores filósofos do Ocidente. Por si só, dispensaria qualquer apresentação. Sua figura ocupou um espaço privilegiado no transcurso dos séculos XIX e XX. Um filósofo como Merleau-Ponty chegou inclusive a dizer que nada de grande se fez na filosofia do século XX sem uma referência direta ou indireta, crítica ou não, à filosofia de Hegel. Ainda hoje, mesmo entre aqueles que vieram a desprezar nosso filósofo, ele não deixa de comparecer como um interlocutor de porte¹².

Ora, a princípio, Hegel é um filósofo tal, a ponto de que se deveria poder dispensar sua apresentação, pois sendo ‘um dos maiores filósofos do Ocidente’, ‘um dos pensadores mais importantes da história da humanidade’ e por ser um vulto que ocupou e ocupa um espaço destacado no decurso dos séculos XIX, XX e, também agora, no XXI, todos nós deveríamos, com isso, conhecê-lo. Contudo, apesar de Hegel ser atual, conforme B. Bourgeois¹³, e referido direta ou indiretamente, de forma crítica ou não, em tudo de grande que se fez na filosofia; de ser um interlocutor de porte, mesmo para aqueles que o desprezam; inspirador de grandes trabalhos, que não param de se multiplicar; que o pensamento posterior, em grau maior ou menor, derivou dele ou elaborou sua doutrina em diálogo com o hegelianismo; ainda assim, a filosofia de Hegel é uma das menos lida ou pior conhecida. Hegel precisa ser apresentado de forma mais clara e precisa, destacando a constituição sistemática que interliga os principais conceitos de seu pensamento, pois muitos intérpretes o apresentam da maneira que mais lhes agrada ou segundo o que mais satisfaz as suas pretensões. Por exemplo, vejamos a menção de Merleau-Ponty, citada por J. D’Hondt, o qual a apresenta, dizendo: “quanto à influência do hegelianismo, Maurice Merleau-Ponty, sabendo ao mesmo tempo distanciar-se dele mesmo, deu a medida.”, e depois cita:

“Hegel é a origem de tudo o que se fez de grande em filosofia desde um século – por exemplo, do marxismo, do Nietzsche, da fenomenologia e do existencialismo alemão, da psicanálise –; ele inaugura a tentativa para explorar o irracional

¹² ROSENFELD, D. L. “Apresentação”. In: Revista *Filosofia Política*. p. 6.

¹³ Cf. BOURGEOIS, B. *Hegel: Os atos do Espírito*. p. 383: “a questão da atualidade de Hegel é manifestamente atual! Ela é incontestavelmente muito mais do que a da atualidade de qualquer outro filósofo do passado”.

e integrá-lo a uma razão alargada, que permanece a tarefa do nosso século. É o inventor desta Razão mais compreensiva que o entendimento, que, capaz de respeitar a variedade e singularidade dos psiquismos, das civilizações, dos métodos de pensamento, e a contingência da história, não renuncia, contudo, a dominá-los para conduzi-los à sua própria verdade”¹⁴.

Porém, depois de tais palavras de apresentação geral sobre o âmbito da influência de Hegel, qual é a visão que se tem de sua filosofia? Como pode ser a origem tanto do marxismo, quanto de Nietzsche, da fenomenologia e do existencialismo alemão, da psicanálise, etc? Ora, que Hegel tenha sido, de certa forma, como acima mencionado, a origem de tudo o que se fez de grande em filosofia, desde o século XIX, disso é possível concluir que a sua filosofia como que viabiliza e justifica todas as vertentes filosóficas ou maneiras de pensar? E, por acaso, seria isso uma virtude ou uma limitação de Hegel? Ora, quanto a isso, convém, antes de tudo, reconhecer que “o pensamento de Hegel ocupa uma posição única na história da filosofia”, sobretudo, por “ter suscitado consequências políticas imediatas e dissonantes”; ou seja, “após a morte do filósofo, seus discípulos dividiram-se em hegelianos de esquerda e de direita, dois partidos de intelectuais que reclamaram dar certa continuidade crítica à obra do mestre”¹⁵. Assim, cada qual dizia ser detentor da correta interpretação da filosofia hegeliana; contudo, talvez ambos acabaram destacando e ponderando apenas alguns aspectos do seu pensamento, desprestigiando outros. Com isso, foram sendo como que esquecidas algumas propriedades características de sua filosofia, tal como a de que Hegel não promove uma atividade filosófica qualquer, mas a especulativa, aspecto fundamental para a compreensão de seu pensamento.

Por isso, cabe destacar que existe: (1º) uma vasta disparidade entre as muitas leituras interpretativas existentes da filosofia de Hegel; (2º) algumas de tais interpretações acabaram influenciando, de uma ou outra forma, as diferentes tradições de pensamento posteriores a de

¹⁴ D'HONDT, J. *Hegel: Le philosophie du débat et du combat*. p. 361 [TP]: «Quant à l'influence de l'hégélianisme, Maurice Merleau-Ponty, tout en sachant s'en distancer lui-même, en a donné la mesure: "Hegel est à l'origine de tout ce qui s'est fait de grand en philosophie depuis un siècle - par exemple du marxisme, de Nietzsche, de la phénoménologie et de l'existentialisme allemand, de la psychanalyse - ; il inaugure la tentative pour explorer l'irrationnel et l'intégrer à une raison élargie qui reste la tâche de notre siècle. Il est l'inventeur de cette Raison plus compréhensive que l'entendement, qui, capable de respecter la variété et la singularité des psychismes, des civilisations, des méthodes de pensée, et la contingence de l'histoire, ne renonce pas cependant à les dominer pour les conduire à leur propre vérité" (MERLEAU-PONTY, M. *Sens et Non-Sens*. Nagel, 1948. p. 125) ».

¹⁵ REPA, L. S. “O enigma Hegel: História e Metafísica”. In: Revista *Mente & Cérebro*. p. 75.

Hegel; e, na sequência, (3º) algumas de tais tradições de pensamento, igualmente, acabaram influenciando as leituras posteriores, inclusive, muitas das que cotidianamente lemos sobre o pensamento de Hegel, igualmente no Brasil. Assim, por exemplo, a leitura interpretativa de Hegel por Marx influenciou o desenvolvimento de seu pensamento e, a seguir, o marxismo acabou influenciando a leitura dos hegelianos. Ou seja, muitas vezes, possuímos diante de nossos olhos uma apresentação interpretativa do pensamento hegeliano decorrente de ou, então, influenciada por uma linha interpretativa ou tradição de pensamento, ao passo que a obra de Hegel, a fonte primária e competente, muitas vezes, não chegou a ser consultada ou, então, foi lida, como ainda veremos, com verdadeiros “antolhos”¹⁶, os quais não permitem ver a sua exata “riqueza espiritual”.

Marxismo, historicismo, hermenêutica, espiritualismo, existencialismo, comunitarismo – essas distintas tradições de pensamento foram influenciadas por Hegel e, ao mesmo tempo, influenciaram as leituras de sua obra. Desse modo, uma leitura fiel de Hegel é descabida se desconsidera por princípio as várias camadas de interpretação que se solidificaram sobre seu texto. [...] Porém, se a paciência que ele exige – a paciência do conceito, para empregar uma expressão de Hegel – é certamente rara, rara é também a frustração com os resultados do empenho¹⁷.

Tal citação reafirma os elementos acima enumerados, destacando, especialmente, toda a importância de sempre ter presente e considerar tais questões. Além disso, afirma que nem a disparidade de interpretações, nem o texto difícil, como poucos na história da filosofia, deve nos afastar do empenho de análise do pensamento hegeliano, porque os frutos de tal árduo trabalho compensam. Assim sendo, podemos reiterar que a explícita influência e relevância da filosofia de Hegel tornam seu estudo digno de ser realizado e, entretanto, demanda também com que ela deva vir a ser compreendida. Ora, isso, de certa forma, pode ser atestado pela volumosa bibliografia interpretativa e crítica que se adiciona, a cada dia, à obra de Hegel. Tanto que, atualmente, cabe afirmar que existe até uma “interminável literatura hegeliana”¹⁸. N. Bobbio alega que “ninguém hoje é capaz de ler tudo o que se escreve, nem mesmo sobre um tema

¹⁶ Cf. MENEZES, D. *Temas de política e filosofia*. p. 173 e 218.

¹⁷ REPA, L. S. “O enigma Hegel: História e Metafísica”. In: Revista *Mente & Cérebro*. p. 76.

¹⁸ SINGER, P. *Hegel*. Prefácio. p. 7.

minúsculo” e, como sabemos, “Hegel não é um assunto minúsculo”¹⁹. Ora, Hegel, realmente, não é assunto pequeno; antes, pelo contrário, é imenso, abissal. São tantos escritos sobre Hegel, que há, inclusive, quem assegure que “é difícil falar hoje de Hegel evitando a impressão de que tudo já foi dito”²⁰. Mas, como saber? No entanto, o maior problema parece ser o de que já foi dito de tudo sobre Hegel, isto é, que as afirmações mais extremas e opostas foram atribuídas, ao longo do tempo, ao pensamento hegeliano. Contudo, a princípio, o Hegel histórico não é um autor de múltiplas facetas, mas filósofo com pensamento próprio, exposto em seu sistema. Convém, por isso, examinar tal bibliografia e saber analisar, de forma crítica, os que, por exemplo, distorcem ou renegam o conteúdo da obra sistemática de Hegel.

1.1.1. O esforço necessário para compreender a filosofia de Hegel

Mas, quem procura compreender a filosofia de Hegel encontra, sem dúvida, muitas e distintas dificuldades. Sobre isso, igualmente, não faltam manifestações. Assim, por exemplo, para Peter Singer, “que Hegel representa um desafio é inegável”, pois “os comentários sobre ele são crivados de referências ao “rigor” de seu estilo, à sua “terminologia repulsiva” e à “extrema obscuridade” de seu pensamento”; ora, eis porque afirma que “o esforço necessário para compreender o pensamento de Hegel é recompensado por isso [a saber, por sua relevância] e também pela satisfação em vencer o desafio à nossa compreensão que ele representa”²¹. Tal concepção assemelha-se com a defendida por P. Archambault:

A filosofia de Hegel [...] é uma obra laboriosa, neste duplo sentido que ela resume um esforço considerável e que este permanece infelizmente demasiado sensível. Isto faz falta à obra, mas não nos permite ignorá-la. A audácia da dialética de Hegel, a rigidez pedantesca do seu método, a inaptidão ligeiramente bárbara da sua língua, intimida e obstrui o leitor francês. Quem passa além, no entanto, a esta primeira impressão, e quem prossegue o seu exame, não demorará a reconhecer neste edifício algo audacioso, mas também robusto e firme, globalmente tão coerente, ao mesmo tempo em que enumera, tão complexa e rica, uma das mais grandiosas concepções do espí-

¹⁹ BOBBIO, N. *Estudos sobre Hegel: Direito, Sociedade Civil, Estado*. p. 14.

²⁰ BODEI, R. “Dialettica e Controllo dei Mutamenti Sociali” in: BODEI, R. & CASSANO, F. *Hegel e Weber*. p. 21.

²¹ SINGER, P. *Hegel*. Prefácio. p. 7.

rito humano. O estudo do hegelianismo demanda, certamente, sofrimento, mas não o deixa sem recompensa²².

Assim, o estudo da filosofia hegeliana requer grande empenho, inclusive, sofrimento, pois, entre outros desafios, trata-se de ação mais do que laboriosa compreender a linguagem de Hegel e a de grande parte de seus intérpretes. Contudo, ambos concordam que tal trabalho não permanece sem recompensa, pois o leitor, além de descobrir uma das mais complexas, ricas e grandiosas concepções do espírito humano, ainda poderá quiçá vivenciar a satisfação única de vencer o grande desafio à nossa compreensão que a filosofia hegeliana representa²³.

Sobre a questão da linguagem peculiar da obra de Hegel, cabe citar e analisar algumas afirmações, que exemplificam muitas outras da mesma ordem. Uns, por exemplo, dizem que o linguajar de Hegel é obtuso, pouco inteligível²⁴; alguns autores, afirmam que a linguagem de Hegel é obscura, que cabe ser iluminada²⁵; uns defendem que as complexidades do alemão de Hegel são difíceis de deslindar até para os que falam a língua alemã (mesmo que saibam as peculiaridades de sua língua, pois nela certos termos têm, com frequência, toda uma gama de significados e usos a que não corresponde exatamente uma única palavra de outra língua), quanto mais para os que não falam o alemão²⁶; outros, até, asseveram que é intraduzível²⁷, dada a complexidade do

²² ARCHAMBAULT, P. *Hegel: Choix de Textes et Etude du Système philosophique*. p. 36-37 [TP]: «La philosophie de Hegel (...) est une oeuvre laborieuse, en ce double sens qu'elle résume un effort considérable et que cet effort y reste malheureusement trop sensible. Ceci fait tort à cela, mais ne nous permet pas de le méconnaître. L'audace de la dialectique d'Hegel, la rigidité pédantesque de sa méthode, la maladresse un peu barbare de sa langue intimident et gênent le lecteur français. Qu'il passe outre, cependant, à cette première impression, et qu'il poursuive son examen. Il ne tardera pas à reconnaître dans cet édifice si hardi, mais aussi robuste et ferme, d'ensemble si cohérent en même temps que de détail si complexe et si riche, une des plus grandioses conceptions de l'esprit humain. L'étude de l'hégélianisme demande, certes, de la peine, mais elle ne la laisse pas sans récompense».

²³ Cf. GADAMER, H.-G. *A razão na época da ciência*. p. 26: "não é exagerado afirmar que não existe nenhuma pessoa vivente que esteja em condições de compreender e repensar a obra de Hegel". Mas, Cf. LEBRUN, G. *A paciência do conceito: ensaio sobre o discurso hegeliano*. p. 403: "A filosofia de Hegel nos interessou menos que a dificuldade específica que experimentam para estar no compasso desse discurso, desde que se proponham a compreendê-lo como compreendem ou acreditam compreender outro discurso filosófico".

²⁴ Cf. LUFT, E. "Apresentação". In: COSSETIN, V. *Entre uma ilusão e um enigma*. p. 13: "Dois grandes riscos ameaçam aquele que se propõe abordar a Filosofia de Hegel: simplesmente perder-se no ambiente rico e obscuro forjado por um dos mais complexos pensadores do Ocidente, ou dele emergir dominado por um linguajar obtuso, o reflexo caricatural do discurso hegeliano, e ainda menos inteligível".

²⁵ Cf. BOBBIO, N. *Estudos sobre Hegel: Direito, Sociedade Civil, Estado*. p. 14: "Devemos nos contentar em iluminar alguns pequenos espaços que permaneceram obscuros ou não foram ainda bem iluminados. E iluminá-los com uma linguagem possivelmente menos obscura que a de Hegel".

²⁶ Cf. INWOOD, M. *Dicionário Hegel*. p. 28: "As complexidades do alemão de Hegel são difíceis de deslindar para os que falam a língua alemã. Mas as dificuldades são multiplicadas para os que falam outras línguas".

²⁷ Cf. GIBELIN, J. "Avertissement du traducteur". In: HEGEL, G. W. F. *Leçons sur la Philosophie de*

pensamento e as dificuldades da língua ou da terminologia de Hegel; por fim, há os que afirmam que boa parte da obra hegeliana é ininteligível²⁸. Ora, teria sido isso que inviabilizou, por tanto tempo, a tradução de Hegel no Brasil? Provavelmente!

Mas, segundo a interpretação de E. Weil²⁹, sim “Hegel não é um autor fácil”, contudo, “é falso que lhe falte precisão e clareza”; na sequência, E. Weil busca explicar tal afirmação: “o que ocorre é que a precisão e a clareza em matéria de filosofia têm o inconveniente de prejudicar a elegância do estilo e a facilidade da leitura”; por isso, “Hegel é claro, *contudo* exige de seu leitor um grande esforço de colaboração”³⁰. Na mesma linha interpretativa, seguem algumas observações de Djacir Menezes, o qual pesquisou e publicou, inclusive, um “Léxico Filosófico de Hegel”:

Já li numerosas opiniões sobre a linguagem hegeliana. A acusação mais estribilhada e inconsistente é a de que escreve dificilmente, obscuramente, num estilo esotérico e tortuoso. E outros afirmam exatamente o contrário. [...] Quem espera ler um livro de Hegel com a fácil desenvoltura das leituras habituais comete evidentemente um engano. Há, decerto, trechos animadores, que o estudioso de outros filósofos percorrerá com fluência e agrado. Ou com decepção. O retrincado da forma peculiar do estilo hegeliano só constitui obstáculo enquanto o leitor não se familiariza com o pensar dialético³¹.

Assim, ambos os autores afirmam que Hegel não é autor de fácil compreensão, pois a leitura de sua obra requer uma desenvoltura distinta da que se emprega nas leituras habituais. O estilo da redação de Hegel, segundo E. Weil, não deixa de ser claro e preciso, mas exige um grande esforço, a saber, o de se familiarizar com o seu linguajar e com a sua forma de pensar. Não seria, portanto, uma “filosofia fantástica e incompreensível”, recheada de “enigmas” ou “simples combinações de

l'Histoire. p. III [TP]: «les ouvrages de Hegel (...) sont, de l'avis de la critique, à peu près intraduisibles».

²⁸ Cf. CIRNE-LIMA, C. *Depois de Hegel*. p. 20: “muitos textos de Hegel são ininteligíveis”.

²⁹ PERINE, M. *Eric Weil e a compreensão do nosso tempo: ética, política, filosofia*. p. 87: “Para Weil, Hegel informou de tal modo o nosso tempo, que este não seria o que é se Hegel não tivesse existido. Mas para nós que somos pós-hegelianos, não se trata de “recitar Hegel ou de ver nele o mestre do qual cada palavra seria sagrada” (PR, 103), porque correríamos o risco de não sermos hegelianos no sentido daquele a quem queremos seguir”.

³⁰ WEIL, E. *Hegel et l'État*. p. 17 [TP]: «Hegel n'est pas un auteur facile. Ce n'est, certes, pas qu'il manque de précision et de clarté; mais la précision et la clarté en matière de philosophie ont l'inconvénient de nuire à l'élegance du style et à la facilité de la lecture. Hegel est clair, non *bien* que, mais *parce* qu'il exige de son lecteur un grand effort de collaboration».

³¹ MENEZES, D. *Motivos alemães: filosofia, hegelianismo, marxologia, polémica*. p. 58 e 104-5.

palavras vazias de sentido”³², nem uma suposta “filosofia oracular”, de “palavrório bombástico e misticador”³³, como também não “um método escamoteador, claudicante”³⁴, mas, sim, em contrapartida, uma filosofia especulativa, que tem, por exemplo, como momento a dialética.

Ora, quanto à linguagem hegeliana, convém ainda citar J. Hyppolite, o qual afirma: “lendo Hegel, poder-se-ia muitas vezes julgar que ele não passa de um filósofo abstrato que joga com conceitos e faz malabarismos com palavra. No entanto, nada mais longe disso”³⁵. Entrementes, tais ponderações sobre a linguagem de Hegel falam por si só e são mais do que suficientes para assinalar a diversidade de interpretações existente. Mas, para concluir, cabe mencionar Paulo Meneses, o qual, como já afirmamos (mas que não cansamos de repetir), é tradutor brasileiro da *Fenomenologia do Espírito*, da *Enciclopédia* e, agora, também da *Filosofia do Direito*, três das principais obras de Hegel.

Traduzir Hegel para o português foi uma difícil tarefa, mas necessária para colocar ao alcance dos estudantes e dos estudiosos em geral esse importante texto, já traduzido para tantas línguas, menos a nossa. A maior dificuldade foi o entendimento exato do pensamento de Hegel, e, em seguida, foi vertê-lo para um português acessível e bonito. Certamente, como digo na apresentação, “toda a tradução é por essência imperfeita”, e nesse processo se perde sempre alguma coisa ou nuance da linguagem original. Mas não considero a escrita de Hegel como hermética nem cheia de jargões³⁶.

Assim, com tais palavras, esperamos dar por entendida uma questão importante para todo aquele que quiser iniciar o estudo de Hegel: o seu texto apresenta certas peculiaridades, mais do que próprias, como o verbo *aufheben*³⁷ e, por isso, a leitura da extensa obra

³² Cf. MENEZES, D. *Temas de Política e Filosofia*. p. 164: “O que transpirou no hegelianismo na obra do maior filósofo brasileiro, que foi incontestavelmente Farias Brito, vale como o atestado mais seguro da sua incompreensão. Endossa o que disse Paul Janet - e vê na obra de Hegel o “espetáculo de uma das aberrações mais extraordinárias da razão”, qualificando-a também como a “filosofia fantástica e incompreensível que, partindo de Kant, fez voltar o pensamento filosófico ao ponto de vista de Wolf”. Não hesita mesmo em apontar certos trechos como “verdadeiros enigmas, para não dizer simples combinações de palavras vazias de sentido””.

³³ POPPER, K. R. *A sociedade aberta e seus inimigos*. p. 39 e 34.

³⁴ CHÁTELET, F. *O pensamento de Hegel*. p. 13.

³⁵ HYPOLITE, J. *Introdução à Filosofia da História de Hegel*. p. 68.

³⁶ MENEZES, P. G. de. “O desafio de traduzir Hegel para o português”. In: *IHU on-line*. p. 48.

³⁷ No Brasil, muitos textos de Hegel e de intérpretes hegelianos ainda não estão traduzidos em edições críticas e, por exemplo, não há consenso quanto à melhor tradução de alguns conceitos fundamentais da filosofia hegeliana, tal como o verbo *aufheben*; todavia, no caso, todos os principais intérpretes reconhecem e realçam seu papel e seu valor para Hegel. A respeito de tais pré-requisitos crítico-filológicos, J. Perville reitera que, para poder haver êxito na leitura e na exegese da filosofia hegeliana, exige-se antes precisão

hegeliana, no original, em língua alemã ainda do século XVIII-XIX, e nas suas traduções, fidedignas ou não, para outras línguas, não é tarefa fácil. Esforço que é, contudo, a princípio, devidamente compensado, em função da acuidade e extensão de seu pensamento filosófico.

Por fim, reforça-se a noção da necessidade de apreender melhor a filosofia hegeliana, aspecto expresso de múltiplas formas; entre elas, cabe referir, como exemplo, a de C. Taylor: “a filosofia de Hegel é, ao mesmo tempo, inverossímil e altamente relevante para nós. [...] Não podemos aceitar a solução de Hegel, mas sua formulação do problema ainda é uma das mais agudas e penetrantes que conhecemos”³⁸. Eis, concluindo, uma entre tantas declarações peculiares já proferidas sobre o pensamento de Hegel, que nos instigam a compreendê-lo.

1.1.2. As diversas interpretações existentes da filosofia de Hegel

Mas, quanto à compreensão da filosofia hegeliana, segundo E. Weil, apesar do estudo, “Hegel é, de todos os grandes filósofos, o menos conhecido ou, ao menos, o pior conhecido”³⁹. Menos ou pior conhecido, pois a imagem, por exemplo, que foi sendo cunhada, ao longo dos anos, sobre Hegel expõe e reflete as mais diferentes expressões ou semblantes. Assim, Hegel até parece não ser proprietário de uma identidade própria, mas tornou-se mero espelho, onde qualquer um passa a se ver e/ou a destacar somente o que mais lhe agrada, no mais das vezes, meramente o que reflete suas opiniões pessoais. Isto é, Hegel, de certa forma, veio a ser despersonalizado teoricamente e, com isso, acabou se tornando o referencial teórico para as mais diversas orientações, principalmente na ordem sócio-política. Inclusive, cabe mencionar e analisar, por via de dúvida, algumas afirmações que demonstrem tal diagnóstico.

conceitual, além de familiaridade com os termos e a compreensão do âmbito da problemática em questão: “Tal precisão conceitual pode ser considerada como uma exigência para a leitura e exegese da obra hegeliana, uma vez que Hegel mesmo apresenta esta característica em alto grau. Mas, ao mesmo tempo, delineia um perfil ao trabalho apresentado que certamente conduz as principais discussões em direção a questões de leitura e interpretação crítica, em que a familiaridade com os termos e a compreensão do âmbito da problemática são pressupostos importantes”. (PERTILLE, J. P. “Comentário à palestra de Marcos Lutz Müller”. In: *Ética e Política*. p. 170).

³⁸ TAYLOR, C. *Hegel e a sociedade moderna*. p. 95 e 162.

³⁹ WEIL, E. *Hegel et l'État*. p. 11 [TP]: «Malgré toute une série de bons livres parus au cours des trente dernières années, aussi bien en Allemagne qu'en France, Hegel est de tous les grands philosophes le moins connu, ou, du moins, le plus mal connu». A tradução em espanhol omite “o menos conhecido” - Cf. WEIL, E. *Hegel y el Estado*. p. 13: “A pesar de toda una serie de buenos libros aparecidos tanto en Alemania como en Francia, durante los últimos treinta años, Hegel es, de todos los grandes filósofos, el peor conocido”.

A nossa época agrada-se tanto de se ocupar de Hegel igualmente porque sua doutrina tem um enorme significado político. E não somente para uma direção política. Não, o surpreendente é que os inimigos mais acirrados se apoiam nele. O fascismo e o comunismo o consideram como o apóstolo que com seus escritos difíceis de entender deveria servir para proporcionar o cimento teórico para suas opiniões⁴⁰.

Assim, Hegel é tido, por alguns autores, como advogado de tais doutrinas e, contudo, ao mesmo tempo, outros autores o apresentam como crítico das mesmas orientações.

Ao longo de sua história, a filosofia política de Hegel logrou uma estranha unanimidade contra si: denunciado entre os principais inimigos da sociedade aberta, tampouco obteve os favores de uma esquerda que não cessa de lê-lo através do olhar talvez excessivo do jovem Marx⁴¹.

Enfim, podemos reafirmar que a filosofia política de Hegel é interpretada de múltiplas formas e, sobretudo, de forma divergente e/ou antagônica.

A polêmica acesa logo após a publicação, em 1820, das Linhas fundamentais de uma Filosofia do Direito atravessa todo o século XIX [e XX] e encontra-se hoje [século XXI] mais viva do que nunca. Com efeito, se quisermos manter a topografia política usual de “direita”, “centro” e “esquerda” veremos que, ainda hoje, os pretendidos ideólogos dessas posições ou reivindicam para si a companhia de Hegel ou a rejeitam na posição oposta⁴².

Mas, como podem os ideólogos de tais posições, simultaneamente, reivindicar para si a companhia da filosofia de Hegel ou rejeitá-la na posição antagônica? Como é possível que opositores possam, sob o mesmo aspecto, apoiar-se na sua filosofia ou criticá-la? A princípio, alguma das partes precisa estar equivocada na sua interpretação de Hegel. Mas qual?

⁴⁰ SAUER, E. F. *Filósofos alemães: De Eckhart a Heidegger*. p. 106 [TP]: “a nuestra época le agrada tanto ocuparse de Hegel igualmente porque su doctrina tiene un enorme significado político. Y no solamente para una dirección política. No, lo sorprendente es que los enemigos más acérrimos se apoyan en él. El fascismo y el comunismo lo consideran como el apóstol que con sus escritos difíciles de entender debiera servir para proporcionar el cimiento teórico para sus opiniones”. [Texto originalmente publicado em 1968].

⁴¹ PÉREZ CORTÉS, S. “El concepto y su política”. In: HEGEL, G. W. F. *Dos Escritos Políticos*. p. 147 [TP]: “A lo largo de su historia, la filosofía política de Hegel ha logrado una extraña unanimidad en su contra: denunciado entre los principales enemigos de la sociedad abierta, tampoco ha obtenido los favores de una izquierda que no cesa de leerlo a través de la mirada quizá excesiva del joven Marx”.

⁴² VAZ, H. C. de L. “Recensão” de OTTMANN, Henning. In: Revista *Síntese*. p. 113.

Porém, o mais importante é que precisamos tentar esclarecer tal questão, pois muitas interpretações da filosofia hegeliana, que oscilam em até 180 graus⁴³, sobretudo, sobre sua filosofia política, têm influenciado, segundo Lima Vaz, nossa realidade cotidiana.

A interpretação do pensamento político de Hegel não é somente um problema acadêmico de historiografia filosófica. É também a leitura, em código filosófico, desses [mais de] 150 anos de história mundial decorridos desde a morte de Hegel [1831], e nos quais se cumpre em linhas sempre mais nítidas o destino das sociedades políticas saídas das revoluções do século XVIII e que Hegel, por primeiro, tenta decifrar⁴⁴.

Ora, segundo J. Ritter, “a história da teoria política de Hegel no século XIX interessa não somente à história da filosofia, mas também à filosofia política e mesmo à política”⁴⁵. Além disso, para J. Hyppolite, “o que não se pode negar é a importância da filosofia hegeliana do Estado para o pensamento e a vida contemporâneos”⁴⁶. Ou seja, caso a interpretação da filosofia política de Hegel fosse apenas um problema acadêmico de historiografia filosófica, sem qualquer influência na história mundial, tal questão não teria toda a relevância, que se torna mais característica quando tomamos consciência de tal aspecto empírico. Assim sendo, a filosofia de Hegel é especial não só por sua sistematicidade e pelos seus aspectos históricos, mas, igualmente, segundo M. Müller, outro tradutor brasileiro de Hegel, pelo “vigor do seu agudo diagnóstico do presente”⁴⁷. Uma filosofia que talvez não seja revolucionária, com a pretensão de transformar todo o mundo, todavia também não apática em relação à realidade⁴⁸. Uma filosofia

⁴³ Cf. ALVES, J. L. “Entre Hegel e Galbraith: limites da ‘Arquitetura Racional’ da sociedade industrial classista”. In: *Ideia e Matéria*. p. 291: “As reflexões incorporadas nesta comunicação tiveram como ponto de partida pessoalmente motivador um fenômeno pouco comum no historial da crítica das ideias. Refiro-me ao contraste evidenciado pelas linhas de interpretação e valorização do pensamento político de Hegel, contraste esse tão velho quanto o lançamento do hegelianismo no giro ideológico e que, de intérprete em intérprete, de momento histórico para momento histórico, se mede em oscilações de 180 graus”.

⁴⁴ VAZ, H. C. de L. “Recensão” de OTTMANN, Henning. In: *Revista Síntese*. p. 113.

⁴⁵ RITTER, J. *Hegel et la révolution française*. p. 89 [TP]: «L’histoire de la théorie politique de Hegel au XIX^e siècle intéresse non seulement l’histoire de la philosophie, mais aussi la philosophie politique et même la politique».

⁴⁶ HYPOLITE, J. *Introdução à Filosofia da História de Hegel*. p. 108.

⁴⁷ MÜLLER, M. L. “A gênese conceitual do Estado ético”. In: *Revista Filosofia Política*. p. 13.

⁴⁸ D’HONDT, J. “Teleologia e práxis na ‘Lógica’ de Hegel”. In: *Hegel e o Pensamento Moderno*. p. 37-8: “Certamente Hegel está longe de proclamar que a tarefa principal da filosofia é a de transformar o mundo. No seu ponto de vista, ela deve contentar-se, pelo menos no que concerne ao essencial, em compreendê-lo. É claro que, e nós vimos-lo, o mundo que a filosofia hegeliana se esforça por compreender não é um mundo tal como o homem o teria recebido, mas um mundo que ele modifica segundo os seus fins, através de uma *práxis*”.

que busca compreender e que, a rigor, pode ser compreendida, a despeito de opiniões contrárias⁴⁹.

Destarte, a proeminência da filosofia de Hegel requer melhor análise, pois urge uma leitura e interpretação que considere a integralidade da filosofia hegeliana. Para Lima Vaz, “nenhuma das interpretações parciais encontradas ao longo do seu percurso pode pretender exprimir toda a riqueza e complexidade do pensamento de Hegel”⁵⁰. Para tal, cabe não mais pinçar partes isoladas da sua filosofia, de forma descontextualizada. O campo de investigação e de análise precisa ter em vista a sua obra, respeitando a sistematicidade e as particularidades históricas da redação de cada uma de suas partes. De tal modo, será possível expor uma interpretação mais imparcial, capaz de exprimir melhor o valor da filosofia de Hegel.

1.2. A Recepção da Filosofia de G. W. F. Hegel no Brasil

O objetivo, como já exposto, é apresentar um panorama histórico da recepção⁵¹ do pensamento hegeliano no Brasil, sobretudo a partir da identificação dos primeiros tradutores brasileiros de Hegel. E, como vimos, não se trata de uma mera questão de história da filosofia, mas também de filosofia política e mesmo de política⁵², pois a interpretação da filosofia de Hegel teve e tem influência na história mundial.

1.2.1. Aspectos Históricos da Recepção da Filosofia Hegeliana no Brasil

Os chamados historiadores da filosofia ou das ideias filosóficas no e do Brasil falam que o pensamento de Hegel pode ser observado aqui desde o Brasil Império, sobretudo em função do casamento de D. Pedro I, em 1818, com a arquiduquesa Dona Leopoldina, filha do Imperador Francisco I, da Áustria (e, na “esteira de Dona Leopoldina”,

⁴⁹ BALMES, J. *História da Filosofia*. p. 151: “O filósofo alemão chama a juízo todas as filosofias, todas as religiões, a humanidade, o mundo, Deus: Hegel encontrou a última palavra de tudo. Mas por desgraça tanta luz como se reúne na mente de Hegel, não poderá ser proveitosa aos míseros mortais porque são incapazes de o compreender”.

⁵⁰ VAZ, H. C. de L. “Recensão” de OTTMANN, Henning. In: Revista *Síntese*. p. 122.

⁵¹ Alguns aspectos sobre a atual recepção da *Filosofia do Direito* de Hegel ver artigo: BAVARESCO, A.; COSTA, D. V.-C. R. M.; KONZEN, P. R. “As Leituras da Filosofia do Direito de G. W. F. Hegel: Entre Hermenêutica e Recepção”. In: *Veritas*, p. 83-105. E KONZEN, P. R. *O conceito de Estado e o de liberdade de imprensa na Filosofia do Direito de G. W. F. Hegel*. Dissertação de Mestrado.

⁵² Cf. RITTER, J. *Hegel et la révolution française*. p. 89, e VAZ, H. C. de L. “Recensão” de OTTMANN, Henning. In: Revista *Síntese*. p. 113.

ocorreram as grandes imigrações alemãs para o Brasil desde 1824). Mas, as especificidades desta recepção fogem do nosso alcance. Apresentamos, aqui, apenas as palavras do historiador Antônio Paim:

A rigor, a figura de Hegel sempre esteve presente à evolução da meditação brasileira, no mais das vezes, entretanto, mergulhada num contexto de todo inadequado. A primeira corrente filosófica verdadeiramente estruturada no País, o ecletismo, produziu uma vertente historicista, de nítida inspiração hegeliana. Tenho em vista a obra de Antônio Pedro de Figueiredo [1814-1859]. Partia-se, entretanto, da identificação dos “a priori” kantianos com o inatismo das ideias e do empenho de solucionar a questão da liberdade pela via psicológica. Dessa forma, as doutrinas de Maine de Biran [1766-1824], em última instância, contribuíram sobretudo para obscurecer o caráter peculiar do discurso filosófico e deixar o flanco aberto às investidas positivistas, notadamente a partir dos anos setenta do século passado. Tobias Barreto [1839-1889] teria o mérito de aproximar-se da compreensão do significado da consciência transcendental. Mas, além de que a radicalização dessa perspectiva somente ocorreria neste Pós-Guerra – precisamente através da corrente culturalista – pretendeu circunscrever a contribuição de Hegel ao plano científico, tomando-o como evolucionista. O entendimento de Farias Brito [1862-1917] seria muito mais impróprio, desde que supunha ser o hegelianismo uma tentativa de conciliar o irreconciliável e regredir até a metafísica wolfiana. No período subsequente, Hegel apareceria sobretudo como uma espécie de cabeça de turco, destinada a exaltar a significação do marxismo, tanto na versão positivista (Leônidas de Rezende [1899-1950]) como na ortodoxa. Uma experiência isolada no sentido de eliminar semelhante tipo de mediação seria a de Lívio Xavier [1900-1988], ao efetivar, na década de trinta [1936], a tradução da *Enciclopédia*. Da iniciativa, entretanto, não decorreram maiores consequências⁵³.

Sem analisar as afirmações acima citadas, ressaltamos apenas os nomes registrados, especialmente o de Lívio Xavier, considerado, ao que consta, o primeiro tradutor brasileiro de uma obra de Hegel⁵⁴. Ora, não encontramos grandes detalhes sobre a vida de Lívio Xavier nem sobre sua tradução de Hegel. Consta, apenas, que era “tradutor”,

⁵³ PAIM, Antônio. *A Filosofia Brasileira Contemporânea* (Texto: “Djair Menezes e o novo momento de interesse por Hegel”, transcrito da *Revista Brasileira de Filosofia*, n. 80, outubro/dezembro de 1970). Disponível em: www.institutodehumanidades.com.br/arquivos/Filosofia%20Brasileira%20Contemporanea.pdf

⁵⁴ CHACON, V. “A recepção de Hegel em Portugal e no Brasil”. In: *Hegel, a moralidade e a religião*. p. 151: “A primeira tradução integral de um livro de Hegel no Brasil é a dos três volumes da *Enciclopédia das ciências filosóficas* por Lívio Xavier, São Paulo: Imprensa Comercial, 1936”. Site Wikipédia: “Hegel, *Enciclopédia das ciências filosóficas* (3 vol.) - A primeira tradução de uma obra integral de Hegel no Brasil; Atena, 1936”. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADvio_Xavier

“militante comunista”⁵⁵ e que tinha “profundo conhecimento dos aspectos teóricos do marxismo e do leninismo”. Sobre a tradução da *Enciclopédia*, Lívio Xavier até escreve um curto “Prefácio do Tradutor”, mas nele não apresenta a obra de referência nem os critérios crítico-filológicos adotados. Antes, critica a filosofia de Hegel, por exemplo, repetindo as acusações de Marx sobre a dialética hegeliana e, inclusive, no breve esboço histórico apresentado, afirma o seguinte: “Mesmo que tenha latente dentro de si o desenvolvimento filosófico do marxismo, não é menos verdade de que a obra crítica e destrutiva da “racionalização do dogma”, da doutrina da consciência, se transforma em uma doutrina do Estado, reacionária e conservadora”⁵⁶. Parece, assim, desqualificar o texto por ele traduzido.

1.2.2. A Recepção da Filosofia de Hegel no Brasil por Djacir Menezes

Segundo nossa pesquisa, Djacir Menezes⁵⁷ é um dos primeiros tradutores brasileiros de Hegel e um dos que mais influenciou a recepção do pensamento hegeliano no Brasil. Aliás, segundo o próprio Djacir Menezes, até quase 1970, quando da comemoração do 2º centenário do nascimento de Hegel, o estudo da filosofia hegeliana no Brasil, com poucas exceções, encontrava-se condicionado à leitura interpretativa de marxistas, o que, conforme ele afirma, no mais das vezes, a desfigurava;

⁵⁵ “**Lívio Barreto Xavier.** Granja - CE, 1900 – São Paulo, 1988. Jornalista e tradutor brasileiro, Lívio Xavier foi um militante comunista que fazia oposição à política do Partido Comunista Brasileiro, fundando aqui no Brasil a Liga Comunista Internacionalista, ligada à Oposição de Esquerda Internacionalista dirigida por Leon Trotski. Lívio Xavier traduziu muito. Seu nome faz parte do panteão dos tradutores que colocaram as obras do pensamento universal ao alcance dos brasileiros. Tinha escrita fluente, elegante e mordaz. Deixou sua marca entre a intelectualidade brasileira.” Cf. site: bibliotecalivioxavier.wordpress.com/about/.
E: “Mario Pedrosa e Lívio Xavier ingressam no PCB quase ao mesmo tempo e se tornam amigos fraternais e companheiros de luta (...). Lívio Xavier distingue-se pelo profundo conhecimento dos aspectos teóricos do marxismo e do leninismo.” www.marxists.org/portugues/abramo/ano/mes/oposicao.htm.

⁵⁶ XAVIER, Lívio. “Prefácio do Tradutor”. In: HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. p. VII.
⁵⁷ Segundo o *Dicionário Biobibliográfico*, do **Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro** (CDPB), editado pelo Senado Federal (cf. www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico_menezes.html), Djacir Menezes nasceu em Maranguape, Ceará, a 16.11.1907. Fez o curso de humanidades no Ceará. Iniciou o curso de direito na Faculdade de seu Estado natal, mas o concluiu na Faculdade Nacional de Direito. Coursou doutorado na Faculdade de Direito do Ceará, defendendo tese em 1932. Ingressou em seu Corpo Docente, tornando-se catedrático de introdução à ciência do direito. Depois, radicou-se no Rio de Janeiro, tendo ganho por concurso cadeiras na Faculdade de Filosofia e na Faculdade de Economia na UFRJ, então Universidade do Brasil. Nessa instituição exerceu altos cargos dirigentes, entre estes diretor da Faculdade de Economia e reitor (1969-1973). Jubilando-se, foi tornado Professor Emérito. Fundador e diretor do Centro de Estudos Brasileiros e do Centro Cultural Brasil-Bolívia. Membro do Conselho Federal de Cultura, pertenceu ao Instituto do Ceará, ao Instituto Brasileiro de Filosofia, ao Instituto Histórico Brasileiro e a diversas outras instituições culturais. Faleceu no Rio de Janeiro em 09.06.1996, aos 88 anos de idade.

só, aos poucos, começou a se tomar maior consciência e atitude diante da relevância do pensamento hegeliano.

[No início do século XX,] S. Romero cita no alemão a frase conhecida de que “voltar a Kant é progredir”. [...] Mas Fichte e Schelling? e [...] Hegel? Curioso: quase não repercutiram na mentalidade brasileira – depõe [Clóvis] Beviláqua [1859-1944]: “Apenas Hegel pode conquistar raras simpatias, aliás serôdias e pouco produtivas”. Nem isso! O que transpirou no hegelianismo na obra do maior filósofo brasileiro, que incontestavelmente foi Farias Brito⁵⁸ [1862-1917], vale como o atestado mais seguro da sua incompreensão. Endossa o que disse Paul Janet [1823-1899] – e vê na obra de Hegel o “espetáculo de uma das aberrações mais extraordinárias da razão”, qualificando-a também como a “filosofia fantástica e incompreensível” [...]. E conclui: “hoje quase já não se fala em Fichte e Schelling e menos ainda em Hegel”. [...] Só vim a percebê-lo [Hegel] nesses últimos treze anos [?], por causa de leitura mais aprofundadas ou insistentes do maior filósofo alemão. [...] Tais reflexões hegelianas não foram enunciadas por estudiosos nacionais – porque o famigerado alemão não teve simpatizantes entre nós. Mesmo depois que o marxismo chamou atenção para a dialética – ativeram-se a um hegelianismo desfigurado, na linfática exposição das cartilhas, [...] com tais antolhos não é possível desvendar a imensa riqueza espiritual da obra hegeliana⁵⁹.

Em outra obra, Djacir Menezes confessa:

Aos vinte anos [1927], no último ano do curso jurídico, deu-se o encontro com Hegel. Quem me apresentou? Karl Marx. Apresentou-o a seu modo, dizendo que repusera a dialética nos seus verdadeiros pés, no que então facilmente acreditei. [...] [Mas isso] me impedia de compreender toda a amplitude do horizonte hegeliano. [...] a verdade é que só pude enfrentar o tema quando venci o preconceito marxista⁶⁰.

Na sequência do texto, ele acrescenta:

Gravou-se e circulou, inspirado pela esquerda hegeliana e retocado por Marx e Engels, o retrato de um Hegel conservador, idólatra do Estado prussiano, que renegara todas as tendências liberais. E a mediocridade militante do marxismo, *tambour battant*, propagou nos compêndios, ao rés de um proselitismo fácil, montado em citações decepadas do contexto hegeliano, a figura filosófica de Hegel personificando a

⁵⁸ Segundo Paulo Paim, como já vimos: “O entendimento de Farias Brito seria muito mais impróprio, desde que supunha ser o hegelianismo uma tentativa de conciliar o irreconciliável e regredir até a metafísica wolfiana” (PAIM, A. *O conceito de espírito na obra de Djacir Menezes*. p. 50).

⁵⁹ MENEZES, D. *Temas de política e filosofia*. p. 164-173.

⁶⁰ MENEZES, D. *Motivos alemães: filosofia, hegelianismo, marxologia, polémica*. p. 21.

encarnação suprema da Ideia. A imagem, entretanto, vai-se desfazendo em face da crítica, que passou a dispor de documentos inéditos e mesmo dos trabalhos já publicados, mas esquecidos, relegados ao sol de ensaios temporãos. Lentamente, o verdadeiro perfil do filósofo se aclara, definindo a linha de coerência de seu pensamento⁶¹.

Sobre isso, cabe ainda citar certas passagens de outra obra de Djacir Menezes, isto é, *Hegel e a Filosofia Soviética*, de 1959, pela qual recebeu, segundo Machado Paupério⁶², “merecido prêmio de erudição, em 1960, da Academia Brasileira de Letras”. Nela, ele fala do “desconhecimento de Hegel pelos escritores soviéticos”, ao final como que generalizando tal crítica também para os então brasileiros:

O meu argumento central vem a ser o desconhecimento de Hegel pelos escritores soviéticos congregados sob a direção de M. M. Rosenthal e G. M. Straks. Poder-se-ia objetar que, na qualidade de marxistas oficiais ajustados na linha bolchevista, portanto sob olhar de severa polícia espiritual, não lhes sobraria liberdade para examinar a obra do criador moderno da dialética. [...] Devemos declarar que a razão mais forte destas notas foi o incompreensível descaso, para não dizer a evidente ignorância, dos textos de Hegel sobre os mesmos temas abordados pelos autores. Quantas passagens repetem, confusa e mediocremente, sem recorrer às palavras do genial pensador, ensaios de interpretação já feitos! [...] Na verdade, a maioria dos que hoje se abeiram de Hegel, fazem-no por via marxista: já trazem as indicações do que devem pensar. [...] Os epígonos são supersticiosamente obedientes às consignas extratadas dos textos onde estudam, sem lhes penetrarem o espírito. [...] Pena que todos leiam Hegel com os antolhos marxistas – e só girem por onde girou o carroção marxista. [...] A explanação habitual, que os vulgarizadores oferecem, dos pontos de vista hegelianos, são as mais ridículas traições ao seu verdadeiro pensamento. [...] Aqui encerramos o arrazoado que tem por fim a recuperação e desagravo de Hegel, espoliado e desfigurado por tantos estudiosos que não lhe estudam as obras ou o fazem com os antolhos do sectarismo⁶³.

⁶¹ MENEZES, D. *Motivos alemães: filosofia, hegelianismo, marxologia, polêmica*. p. 96.

⁶² PAUPÉRIO, M. *A obra polimórfica de Djacir Menezes e sua síntese filosófica*. p. 54. O autor também afirma que, na obra, Djacir Menezes “revela-se um antimarxista confesso”. Sobre isso, no seu livro *Temas Polêmicos*, Djacir afirma: “(...) já o disse numerosas vezes, em aulas, artigos, conferências, livros, que nunca fui marxista e cada vez mais sinto a impossibilidade de vir a sê-lo! Andei mais perto desse catecismo quando jovem, menos crítico e mais entusiástico. Agora, inteiramente avesso a todas as formas de sectarismo, só poderia parafrasear Ramalho nas lutas de sua época – “venho de onde vos estáveis e vou para onde vos não estiverdes””. Na p. 192, afirma: “O que se verifica é que Marx nada acrescentou a Hegel – e o desviramento da dialética não afetou a lógica dialética em nada. Porque o conceito hegeliano implica vivência, implica realidade (...)”.

⁶³ MENEZES, D. *Hegel e a filosofia soviética*. p. 7-8, 13, 14, 165, 218.

Sobre isso, inclusive, cabe citar uma carta de Ernesto Che Guevara, de 04.12.1965⁶⁴, que fala do “mestre Hegel” e, também, critica os autores soviéticos:

[...] quero expor algumas ideias sobre a cultura de nossa vanguarda e de nosso povo em geral. Neste longo período de férias, meti o nariz na filosofia, coisa que faz tempo pensava fazer. Encontrei-me com a primeira dificuldade: em Cuba não há nada publicado, se excluimos os tijolos soviéticos que têm o inconveniente de não te deixar pensar [...]. A segunda, e não menos importante, foi meu desconhecimento da linguagem filosófica (tenho lutado duramente com o mestre Hegel e no primeiro round ele me deu duas quedas)⁶⁵.

Trata-se de aspecto histórico interessante, reiterando alguns dos aspectos expostos.

Antônio Paim, pesquisador da história da filosofia no Brasil, como já vimos, afirmou: “A rigor, a figura de Hegel sempre esteve presente à evolução da meditação brasileira, mais das vezes, entretanto, mergulhada num contexto de todo inadequado”⁶⁶. Mas, Paim também declarou que a obra de Djacir Menezes esteve

voltada para a superação da caricatura da filosofia de Hegel, tão difundida entre nós [brasileiros] graças ao marxismo. [...] Outro de seus objetivos consiste na demonstração da falsidade do retrato de Hegel como conservador retrógrado, idólatra do Estado prussiano, que renega todas as tendências liberais. Finalmente, evidenciar a opulência do pensamento de Hegel, precisamente o que explica o fenômeno da renascença hegeliana em nossos dias, desde que os estudiosos, em número cada vez maior que pesquisam a riqueza de seus textos, não se propõem restaurar ou refazer o sistema. A parte essencial da obra de Djacir Menezes nos últimos anos marca uma nova etapa no interesse do pensamento brasileiro em relação às ideias do filósofo alemão. [...] O elemento novo representado pela interpretação [de Hegel] de Djacir Menezes [...] representa um esforço dos mais meritórios, apto por si só a assegurar, ao seu autor, um lugar de destaque no atual panorama do pensamento filosófico em nosso País⁶⁷.

⁶⁴ Carta, desde a Tanzânia, em que fala de seus estudos de filosofia, para Armando Hart Dávalos, então Ministro da Educação de Cuba (de 1959 a 1965) e, depois, Ministro da Cultura (de 1976 a 1997).

⁶⁵ CHE GUEVARA, E. “Carta del Che Guevara a Armando Hart Dávalos”. In: *Revista Cubana de Filosofía*: “(...) quiero exponerte algunas ideillas sobre la cultura de nuestra vanguardia y de nuestro pueblo en general. En este largo período de vacaciones le metí la nariz a la filosofía, cosa que hace tiempo pensaba hacer. Me encontré con la primera dificultad: en Cuba no hay nada publicado, si excluimos los ladrillos soviéticos que tienen el inconveniente de no dejarte pensar (...). La segunda, y no menos importante, fue mi desconocimiento del lenguaje filosófico (he luchado duramente con el maestro Hegel y en el primer round me dio dos caídas).”

⁶⁶ PAIM, A. *A filosofia brasileira contemporânea*. p. 61.

⁶⁷ PAIM, A. *O conceito de espírito na obra de Djacir Menezes*. p. 50-51.

Miguel Reale, no discurso em homenagem aos 80 anos de Djalir Menezes, na sessão especial do Conselho Federal de Cultura, ao falar da sua biobibliografia, expôs o seguinte:

Em “O Sentido Antropógeno da História” [1959], Djalir Menezes ia-se encontrar com o seu maior amor intelectual, que é o grande Hegel. [...] Temos, também, *Textos Dialéticos de Hegel* [1969], em que Djalir Menezes coleciona os textos que, para ele, são mais significativos do seu filósofo de exceção. Ainda agora, acaba ele de me dar uma grande alegria, oferecendo-me magnífica biografia do filósofo. Ingenuamente, perguntei: “De quem?” Ele respondeu: “Hegel”. Porque, para Djalir Menezes, muito embora ele preserve, com muito amor e muito zelo, sua autonomia crítica, Hegel é o filósofo dos filósofos⁶⁸.

Ora, Djalir Menezes, em outubro de 1967, na “Introdução” (p. 11-32) ao seu livro *Textos Dialéticos de Hegel* (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. 265 p.), no qual selecionou e traduziu “textos históricos, políticos, estéticos e filosóficos de Hegel”, escreveu o seguinte:

A ideia deste livro nasceu de uma conversa com Jorge Zahar a respeito da dificuldade ou mesmo da ausência de textos portugueses de Hegel, que conjugassem num só volume páginas sobre temas variados onde mais se manifestasse o método dialético de tratamento. Os estudiosos e o público universitário reclamam a compilação que ora se apresenta. Não tem grandes pretensões; mas ir-se-á paulatinamente escoimando nas próximas edições, se porventura obtiver o favor de perdurar⁶⁹.

No citado livro, Djalir Menezes seleciona e traduz alguns textos hegelianos⁷⁰ sobre “temas históricos” (p. 37-73), “temas políticos” (p. 75-105), “temas estéticos” (p. 107-117), “temas filosóficos” (p. 119-245). No total, o tradutor apresenta 84 (16 + 11 + 05 + 52) passagens da obra de Hegel. Além disso, apresenta uma “Introdução” (contendo, inclusive, “Traços biográficos de Hegel”) e dois complementos: “Breves Apostilas ao Léxico Filosófico de Hegel”⁷¹ (p. 247-256) e “Pequena

⁶⁸ REALE, M. *A pesquisa filosófica como reflexão e espírito crítico*. p. 45 e47.

⁶⁹ MENEZES, D. *Textos Dialéticos de Hegel*. p. 28-29.

⁷⁰ Em 1981, Roland Corbisier [1914-2005] publicou *Hegel: textos escolhidos* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira); também “uma seleta de textos do filósofo. Corbisier fez a seleção dos excertos, por blocos sistemáticos que ele mesmo criou. A tradução para o vernáculo, a partir de traduções francesas, também foi sua”.

⁷¹ Em 1977, Djalir Menezes escreveu: “Ainda não pude concluir o estudo sobre o léxico de Hegel, – tenho uma safra de quase uma centena de vocábulos que fui recolhendo, durante três décadas, na leitura do filósofo. (...) Embora se refiram preferentemente à terminologia, exprimem os conceitos mais densamente significativos. (...) Cada vez mais compreendi e senti o poderoso efeito que desempenhou o idioma alemão no trabalho especulativo de Hegel” (MENEZES, D. *Motivos Alemães: Filosofia, Hegelianismo, Marxologia, Polêmica*. p. 57).

Bibliografia Hegeliana” (p. 257-265). São aspectos que se destacam na história da recepção de Hegel no Brasil.

Além disso, convém destacar que nos chamados “temas políticos”, no número “10. Liberdade do pensamento” (p. 101-103), Djacir Menezes traduziu o § 319 e § 319 A da *Filosofia do Direito* de Hegel, o qual trata da “liberdade da comunicação pública” ou da “liberdade de imprensa”. Cabe aqui lembrar que, em 1967 (data da redação da Introdução) e 1969 (data da publicação do livro), vigorava no Brasil uma rigorosa censura, instituída pela Ditadura de 1964.

Sobre os critérios usados na obra, Djacir Menezes afirmou o seguinte:

Preferi o que versava sobre problemas centrais do pensamento onde havia a intuição dialética a transparecer na própria linguagem. Procurei encadear os trechos de modo que oferecessem alguma sequência – e muitas vezes tive vontade de declarar ao editor que desistia da proposta. Mas, passado o cansaço da peleja, encetava a marcha com novo ânimo – e aqui apresento modestamente o resultado⁷².

Enfim, ele não desistiu e publicou a tradução, dando novo vigor à recepção de Hegel no Brasil com a tradução dos chamados “textos dialéticos”. A pretensão de Djacir Menezes era publicar outras edições e, inclusive, escreve: “Reconhecerei humildemente qualquer erro ou dislate na minha versão – e a lição será registrada nas edições vindouras, se lá chegar”⁷³. Porém, a nova edição não obteve o chamado “favor de perdurar”.

Além disso, não sabemos devidamente qual foi a acolhida que a publicação teve entre os “estudiosos e o público universitário”, contudo conhecemos a resposta de Djacir Menezes ao “artigo crítico” ou à “crítica do livro *Textos Dialéticos*, de Hegel, publicada em “Tribuna da Imprensa”, Rio, 1969”, pelo “Sr. F. Marques dos Reis”. Ora, na irônica réplica intitulada “A Hegeliana do Sr. Reitor”⁷⁴, Djacir rebate as críticas, afirmando que o “censor” apenas “se danou a esbrugar os erros, não com espírito construtivo de auxiliar, mas com o instinto rancoroso de estraçalhar”. E, logo depois, declara:

Enfim, tranquilamente lhe digo que assumo a responsabilidade de todos os erros passados, presentes e futuros. Sim,

⁷² MENEZES, D. *Textos Dialéticos de Hegel*. p. 29.

⁷³ MENEZES, D. *Textos Dialéticos de Hegel*. p. 36.

⁷⁴ MENEZES, D. *Temas Polêmicos*. p. 201-211.

futuros, porque ainda pretendo escrever mais e errar muito, até publicar o léxico hegeliano, na esteira de tantos estudiosos, onde decerto sou apenas um trôpego, remoto heterodoxo, e, apesar de “magnificado”⁷⁵, obscuro discípulo⁷⁶.

Na verdade, no início de tal texto, Djacir Menezes afirma que iria publicar uma “segunda edição do livro purgada dos erros ainda não apontados”, mas por ele “descobertos com emoção”⁷⁷. Porém, pelo que sabemos, tal “segunda edição” não foi publicada. Todavia, ele manteve os seus estudos sobre Hegel, o que pode ser visto na sua vasta bibliografia⁷⁸.

Gerardo Dantas Barreto, no texto “O Itinerário Filosófico de Djacir Menezes”, afirma:

Marcadamente seu encontro com Hegel tornou-se decisivo. Djacir recebera de seu pai, no natalício, a *Wissenschaft der Logik*, que foi uma espécie de raio de Damasco para lhe abalar o biologismo materialista. Desde os vinte e dois anos que começara a traduzir o alemão, o que faria até hoje correntemente. Por um desses acasos provincianos, comprou,

⁷⁵ Djacir Menezes usa de ironia, pois o dito “censor” “Sr. F. Marques dos Reis”, na citada “crítica”, várias vezes o chama de “sua Magnificência” ou “recém-magnificado”, referindo-se ao fato de Djacir Menezes ter tomado posse como “Reitor” da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1969, data também da publicação do livro *Textos Dialéticos de Hegel*.

⁷⁶ MENEZES, D. *Textos Polêmicos*. p. 211.

⁷⁷ MENEZES, D. *Temas Polêmicos*. p. 201.

⁷⁸ Bibliografia de MENEZES, Djacir sobre Hegel, de forma cronológica, em Livros e Jornais/Revistas:

- Notas sobre a Ontologia Hegeliana e a Aristotélica. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, 5(17): 69-72, jan./mar., 1955.

- *Hegel e a filosofia soviética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1959. 234 p.

- *A querela anti-Hegel*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1960. 29 p. (Reproduzido in *Motivos Alemães*).

- Temas hegelianos e marxistas através do Sr. E. Fromm. *Carta Mensal*, Rio de Janeiro, 8(90):13-24, set., 1962.

- Teses quase hegelianas para uma filosofia de transição sem transação. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, 12(45): 4-6, jan./mar., 1962.

- Teses quase hegelianas para uma filosofia de transição sem transação (2). *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, 12(47): 279-285, JUL./SET., 1962.

- Teses quase hegelianas para uma filosofia de transição sem transação (3). *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, 13(49): 8-13, jan./mar., 1963.

- Shakespeare nas lições de Hegel: notas de um curioso. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 mai. 1964.

- Notas importunas sobre as hegelizações soviéticas. *Síntese*, Rio de Janeiro, (28): 5-18, set./dez., 1965.

- *Proudhon, Hegel e a Dialética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. 158 p.

- Notas ariscas sobre o léxico filosófico de Hegel. *Cultura*, Rio de Janeiro, 1(4): 39-47, out., 1967.

- *Textos Dialéticos de Hegel*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. 265 p.

- Análise hegeliana da coisa. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, 20(80): 373-383, out./dez., 1970.

- *Teses quase hegelianas*; para uma filosofia de transição sem transação. Prefácio Miguel Reale. São Paulo: Grijalbo/USP, 1972. 122 p.

- *Motivos alemães*; filosofia, hegelianismo, marxologia, polêmica. Rio de Janeiro: Ed. Cátedra/INL, 1977. 195 p.

- O pensamento político de Hegel. *R. Ci. Pol.*, Rio de Janeiro, 20(3): 143-150, out., 1977.

- Introdução a Hegel. In: UNIVERSIDADE de Brasília. *Teoria política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1979. p. 105-160. (Cadernos da UNB, 4).

- *Premissas do culturalismo dialético*. Rio de Janeiro: Cátedra/INL, 1979. 201 p.

- Sobre o Anti-Aristotelismo de Hegel. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, 31(123): 184-192, jul./set., 1981.

em Fortaleza, a edição primeira das Obras Completas de Hegel, editada em 1841, dez anos depois da morte do filósofo. Seria sua leitura intercadente, mas constante. Através de uma grande variedade de autores e de leituras, sempre voltaria ao convívio do filósofo⁷⁹.

Mas, depois, o citado autor pergunta: “Será Djacir Menezes um hegeliano?” E, logo, responde: “No sentido integral da expressão, não”⁸⁰. Mas, quem, afinal, na atualidade, seria hegeliano “no sentido integral da expressão”? Mas, quanto a isso, já esboçamos acima algumas considerações. Ora, o pensamento hegeliano deve ainda ser lido e analisado, pois só assim poderemos examinar a magnitude da influência de Hegel na atualidade⁸¹. Em resumo, ainda que a análise histórico-filológica não seja suficiente, por si só, para dirimir o conflito das muitas hermenêuticas existentes, que vem se sucedendo, periodicamente, há mais de dois séculos, o que já motivou uma vasta literatura, cabe não contribuir para aumentar o deflagrado embate. Convém ler e estudar os textos de Hegel, de preferência no original alemão ou, então, em uma tradução realizada por um estudioso do autor.

Eis, aí, segundo Antônio Paim, o grande mérito de Djacir Menezes, no seu “esforço de recuperação do legado de Hegel”, a fim de poder explorar “de forma devida a contribuição do pensamento hegeliano”⁸². Por tudo isso, em síntese, convém reconhecer a importância de Djacir Menezes na história de recepção da filosofia hegeliana no Brasil.

As traduções posteriores de Lima Vaz⁸³ e Paulo Meneses, entre outros, de certa forma, seguiram a trilha traçada, especialmente, por Djacir Menezes, cuja história tentamos resgatar na medida do possível. O trabalho de tal tradutor hegeliano, buscando reunir e publicar um “léxico hegeliano”, além de propiciar aos “estudiosos” e ao “público universitário” do Brasil o acesso direto ao texto de Hegel, é um exemplo que merece ser reconhecido e seguido.

⁷⁹ BARRETO, G. D. *O Itinerário Filosófico de Djacir Menezes*. p. 64.

⁸⁰ BARRETO, G. D. *O Itinerário Filosófico de Djacir Menezes*. p. 64.

⁸¹ D'HONDT, Jacques. *Hegel e o hegelianismo*. Contracapa: “Entre todas as obras filosóficas no sentido clássico da expressão, muito poucas são aquelas que exercem, ainda nos nossos dias, tanta influência como a de Hegel”.

⁸² PAIM, A. *O conceito de espírito na obra de Djacir Menezes*. p. 49.

⁸³ Henrique Cláudio de Lima Vaz traduziu o Prefácio e a Introdução da *Fenomenologia do Espírito* e a Introdução das *Lições da História da Filosofia*: HEGEL, G. W. F. “A Fenomenologia do Espírito” (Prefácio e Introdução) e “Introdução à História da Filosofia”. Seleção, tradução e notas de Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Abril, 1974. Coleção Os Pensadores.

Conclusão

Depois de apresentar o panorama histórico da recepção hegeliana no Brasil, com destaque para Lívio Xavier e Djalmar Menezes, por fim, convém observar que, analisando, brevemente, a literatura hegeliana brasileira, podemos ainda constatar, em grandes linhas, que a recepção deu-se através de vários tipos de leitura. Sem pretender ser exaustivo, lançamos aqui apenas alguns vieses de leitura, no sentido de mostrar as diversas abordagens na história da recepção de Hegel no Brasil. Trata-se, de fato, de algo apenas esquemático e incipiente, como tentativa de identificar as diferentes leituras da recepção do pensamento hegeliano no pensamento brasileiro.

a) Leitura marxista: Trata-se da recepção de Hegel, no Brasil, pelos marxistas, que o acusam sobretudo de ser idealista e conservador, conforme vimos nas afirmações de Djalmar Menezes. Muitas vezes tentam aproveitar, apenas, o chamado método dialético hegeliano.

b) Leitura de comentaristas e manuais de filosofia: Muitos estudantes e, inclusive, professores brasileiros tiveram ou têm acesso a Hegel somente através dos manuais de história da filosofia ou de outros tratados. Estes o classificam, geralmente, como panteísta, panlogista, totalitário, ateu, etc. Quase sempre um compêndio ou historiador baseia-se em outro manual ou autor, reiterando assim a mesma leitura ou interpretação unilateral.

c) Leitura crítico-corretiva do sistema: Temos outro grupo de leitores que se fixam no sistema hegeliano, tentando corrigir o que eles dizem, por exemplo, ser o sistema fechado por causa da dita lógica necessitarista, em que a contingência desapareceria do mesmo. Então, de um lado, alguns propõem reconstruir este sistema, fazendo, por exemplo, uma síntese com a filosofia analítica; de outro lado, alguns entendem e defendem que o sistema de Hegel não possibilita uma reconstrução, senão uma crítica interna desconstrutiva.

d) Leitura lógico-política: Um outro tipo de recepção do pensamento hegeliano dá-se através da filosofia política, em que esta é interpretada a partir do viés lógico, sobretudo da *Filosofia do Direito*. Existe, também, uma outra leitura inspirada na chamada interpretação não-metafísica de Hegel, entre outras.

e) **Leitura plural:** Com a criação do *Grupo de Trabalho Hegel* (GT Hegel⁸⁴), da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), temos uma multiplicação de pesquisas e leituras plurais, buscando englobar aos poucos a obra hegeliana. Além disso, a *Sociedade Hegel Brasileira* (SHB⁸⁵), através de seus congressos temáticos, permite o aprofundamento da análise de textos de Hegel. A divulgação destes eventos e pesquisas dá-se através do site e da *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*⁸⁶ (ISSN 1980-8372).

f) **Leitura dos textos traduzidos:** A tradução da obra de Hegel está, aos poucos, tornando o autor mais acessível ao público brasileiro e, ao mesmo tempo, permite novas leituras, a partir da opção de tradução de termos técnicos, das notas, apresentação etc. Costuma-se dizer que a recepção de um autor é mais plena, quando toda sua obra é traduzida para a língua que o recepciona. No caso brasileiro, pode-se dizer que este desafio ainda é grande, pois restam obras fundamentais a serem traduzidas, tais como a *Ciência da Lógica*. Porém, cabe-nos reconhecer a imensa contribuição realizada, sobretudo, por Paulo Meneses, ao traduzir a *Fenomenologia do Espírito*, a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* e, recentemente, a *Filosofia do Direito*, em conjunto com outros pesquisadores hegelianos.

Constata-se uma maior recepção do pensamento de Hegel no Brasil, sobretudo na medida em que o texto hegeliano torna-se cada vez mais acessível ao público brasileiro, através do contato direto com os textos traduzidos com rigor científico. Trata-se de uma leitura e de uma apropriação mais original, permitindo superar, por exemplo, os prejuízos de leituras reducionistas ou distorcidas. Com certeza, é questão de mérito reconhecer e enaltecer os tradutores e as traduções que inauguraram uma nova etapa na história da recepção do pensamento hegeliano no Brasil, desafiando novas hermenêuticas de sua filosofia.

⁸⁴ Cf. www.hegelbrasil.org/gthegel/index.html

⁸⁵ Cf. www.hegelbrasil.org/

⁸⁶ Cf. www.hegelbrasil.org/revista.htm

Bibliografia

ALTHUSSER, Louis. “Sobre a relação de Marx com Hegel”. In: *Hegel e o Pensamento Moderno*. Trad. de Rui Magalhães e Sousa Dias. Porto, Portugal: Rés, 1979.

ALVES, João Lopes. “Entre Hegel e Galbraith: limites da ‘Arquitetura Racional’ da sociedade industrial classista”. In: *Ideia e Matéria: Comunicações ao Congresso de Hegel - 1976*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

ARCHAMBAULT, Paul. *Hegel: Choix de Textes et Etude du Syxème philosophique*. Paris: Vald. Rasmussen, 1927.

BARRETO, Gerardo Dantas. *O Itinerário Filosófico de Djacir Menezes*. Disponível em: http://www.cdpb.org.br/djacir_menezes.pdf

BALMES, J. *História da Filosofia*. São Paulo: Cultura Moderna, s/d.

BARRETO, Gerardo Dantas. *O Itinerário Filosófico de Djacir Menezes*. Disponível em: http://www.cdpb.org.br/djacir_menezes.pdf

BAVARESCO, Agemir; COSTA, Danilo Vaz-Curado R. M.; KONZEN, Paulo Roberto. “As Leituras da Filosofia do Direito de G. W. F. Hegel: Entre Hermenêutica e Recepção”. In: *Veritas (Porto Alegre)*, v. 55, p. 83-105, 2010.

BOBBIO, Norberto. *Estudos sobre Hegel: Direito, Sociedade Civil, Estado*. Trad. de Luiz Sérgio Henriques e Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense e UNESP, 1989.

BOURGEOIS, Bernard. *Hegel: Os atos do Espírito*. Trad. de Paulo Neves. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

_____. “Présentation”. In: HEGEL, G. W. F. *Encyclopédie des Sciences Philosophiques. I – La Science de la Logique*. Paris: Vrin, 1970.

CALVEZ, Jean-Yves. *O pensamento de Karl Marx*. Trad. de Agostinho Veloso. Porto: Livraria Tavares Martins, 1975.

CHACON, Vamireh. “A recepção de Hegel em Portugal e no Brasil”. In: *Hegel, a moralidade e a religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 144-152.

CHÂTELET, François. *O pensamento de Hegel*. Trad. de Lemos de Azevedo. Lisboa: Presença, 1968.

CHE GUEVARA, Ernesto. “Carta del Che Guevara a Armando Hart Dávalos (4/XII/1965)”. In: *Revista Cubana de Filosofía - Edición Digital*. Cuba: Universidad de La Habana, Septiembre-Enero, 2008. Disponível em: <http://revista.filosofia.cu/articulo.php?id=126>

CROCE, Benedetto. *O que é vivo e o que é morto na filosofia de Hegel*. Trad. de Vitorino Nemésio. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1993.

CIRNE-LIMA, Carlos Roberto Velho. *Depois de Hegel: uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

D'HONDT, Jacques. "Teleologia e práxis na "Lógica" de Hegel". In: *Hegel e o Pensamento Moderno*. Trad. de Rui Magalhães e Sousa Dias. Porto, Portugal: Rés, 1979.

_____. *Hegel: Le philosophie du débat et du combat*. Paris: Le Livre de Poche, 1984.

_____. *Hegel e o hegelianismo*. Trad. de Fernando Melro. Lisboa: Editorial Inquérito, s/d.

FERREIRA, Manuel J. Carmo. "Introdução - Notas". In: *HEGEL, G. W. F. Prefácios*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990.

GADAMER, Hans-Georg. *A razão na época da ciência*. Trad. de Ângela Dias. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

GIBELIN, J. "Avertissement du traducteur". In: *HEGEL, G. W. F. Leçons sur la Philosophie de l'Histoire - Premier Volume*. Trad. de J. Gibelin. Paris: Vrin, 1937.

HEGEL, G. W. F. *Filosofia do Direito*. Trad. Paulo Meneses et alii. São Paulo; São Leopoldo: Loyola / UNICAP / UNISINOS, 2010.

HYPOLITE, Jean. *Introdução à Filosofia da História de Hegel*. Trad. de Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KONZEN, Paulo Roberto. *O conceito de Estado e o de liberdade de imprensa na Filosofia do Direito de G. W. F. Hegel*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

LEBRUN, Gérard. *A paciência do conceito: ensaio sobre o discurso hegeliano*. Trad. de Silvio Rosa Filho. São Paulo: Ed. da UNESP, 2006.

LUFT, Eduardo. "Apresentação". In: *COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. Entre uma ilusão e um enigma: a filosofia da linguagem em Hegel*. Ijuí: UNIJUI, 2006.

MENESES, Paulo. "O desafio de traduzir Hegel para o português". In: *IHU on-line*. Edição 217, de 30.04.2007. São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

_____. *Hegel & A fenomenologia do espírito*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

MENEZES, Djacir. *Hegel e a filosofia soviética*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1959.

_____. *Motivos alemães: filosofia, hegelianismo, marxologia, polêmica*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1977.

_____. *Temas de Política e Filosofia*. Rio de Janeiro: D.A.S.P - Serviço de Documentação, 1962.

_____. *Textos Polêmicos*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1975.

_____. *Textos Dialéticos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MÜLLER, Marcos Lutz. “A gênese conceitual do Estado ético”. In: *Revista Filosofia Política - Nova Série 2*. São Paulo: L&PM, Abril de 1998.

PAIM, Antonio. *A filosofia brasileira contemporânea*. Londrina: CEFIL, 2000. Disponível em: <http://www.institutodehumanidades.com.br/arquivos/Filosofia%20Brasileira%20Contemporanea.pdf>

_____. *O Conceito de Espírito na Obra de Djacir Menezes*. Disponível em: http://www.cdpb.org.br/djacir_menezes.pdf

PAUPÉRIO, Machado. *A Obra Polimórfica de Djacir Menezes e sua Síntese Filosófica*. Disponível em: http://www.cdpb.org.br/djacir_menezes.pdf

PÉREZ CORTÉS, Sergio. “El concepto y su política”. In: HEGEL, G. W. F. *Dos Escritos Políticos: [Examen crítico de las] Actas de la Asamblea de Estamentos del Reino de Württemberg y A propósito de la reforma electoral en Inglaterra*. México: Universidad Autónoma de Puebla, 1987.

PERINE, Marcelo. *Eric Weil e a compreensão do nosso tempo: ética, política, filosofia*. São Paulo: Loyola, 2004.

PERTILLE, José Pinheiro. “Comentário à palestra de Marcos Lutz Müller”. In: *Ética e Política: IV Colóquio Teuto-Latino-Americano de Filosofia*. Valério Rohden (Org). Porto Alegre: UFRGS, Goethe-Instituto/ICBA, 1993.

POPPER, Karl Raimundo. *A sociedade aberta e seus inimigos*. 2. Vol.: *A Preamar da profecia: Hegel, Marx e a colheita*. Trad. de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1974.

REALE, Miguel. *A pesquisa filosófica como reflexão e espírito crítico*. Disponível em: http://www.cdpb.org.br/djacir_menezes.pdf

REPA, Luiz Sérgio. “O enigma Hegel: História e Metafísica”. In: *Revista Mente & Cérebro*. N° 3. São Paulo: Duetto, 2007.

RITTER, Joaquim. *Hegel et la révolution française*. Paris: Beauchesne, 1970.

ROSENFELD, Denis Lerrer. “Apresentação”. In: *Revista Filosofia Política – Hegel, a moralidade e a religião*. Série III, n° 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SAUER, Ernst Friedrich. *Filósofos alemães: De Eckhart a Heidegger*. Trad. de María Martínez Peñaloza. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.

SINGER, Peter. *Hegel*. Trad. de Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2003.

TAYLOR, Charles. *Hegel e a sociedade moderna*. Trad. de Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2005.

VAZ, Henrique C. de Lima. “Por que ler Hegel hoje?”. In: *Finitude e Transcendência - Festschrift em homenagem a Ernildo J. Stein*. Luis A. De Boni (Org.). Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

_____. “Recensão” de OTTMANN, Henning. *Individuum und Gemeinschaft bei Hegel, Band I: Hegel im Spiegel der Interpretationen*, Berlin-New York, W. de Gruyter, 1977. In: *Revista Síntese*, N° 22, Vol. III. São Paulo: Loyola, maio-agosto, 1981.

XAVIER, Lívio. “Prefácio do Tradutor”. In: *HEGEL, G. W. F. Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. Rio de Janeiro: Athena, 1936.

WEIL, Eric. *Hegel et l'État – Cinq Conférences*. 6^a Édition. Paris: Vrin, 1985.

_____. *Hegel y el Estado*. Córdoba, Argentina: Nagelkop, 1970.